

ETNOGRAFIAS DAS VIOLÊNCIAS: EXPERIÊNCIAS NARRADAS POR TRAVESTIS E TRANSEXUAIS QUE SE PROSTITUEM EM PETROLINA-PE¹

Paulo Dourian Pereira de Carvalho

Aluno do Mestrado em Antropologia Social da UFRN/RN

Resumo

Este trabalho é um desdobramento da pesquisa etnográfica de conclusão de curso de graduação em Ciências Sociais da UNIVASF, realizada entre 2014 e 2015, com travestis e transexuais que se prostituem em Petrolina-PE. O objetivo geral do estudo foi compreender processos de violências no cotidiano dessas pessoas. Porém, nesta ocasião, pretendo discorrer sobre os principais atores envolvidos nas situações de violências narradas pelas trans. Dentre esses atores destacam-se: “pessoas estranhas” ou “transeuntes”, a família, a polícia e os clientes, a estes foi atribuído o nome de “algozes externos”; a cafetina e as próprias colegas de “pista”, denominadas “algozes internos”. Esta etnografia vem se somar a diversas outras que têm sido feitas, no Brasil, por antropólogos e sociólogos, desde a década de 1980, e que retratam, dentre outras questões, as diversas expressões de violência que atravessam a vida de travestis e transexuais, além de problematizarem os papéis reconhecidos como o de vítimas e agressores.

Palavras-Chave: Violências, Travestis, Transexuais.

Introdução

O meu Trabalho de Conclusão de Curso “VIOLÊNCIAS NAS MARGENS: UMA ETNOGRAFIA COM TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM PETROLINA-PE”² teve como foco compreender processos de violências no cotidiano de travestis e transexuais de Juazeiro-BA e Petrolina-PE que se prostituem. Para atingir este objetivo, procurei identificar, no cotidiano de pessoas trans³, não somente a existência e os tipos de violência mais comuns, mas também os principais atores envolvidos nesses

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

² Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em 14 de dezembro de 2015 para obtenção de título de bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

³ Pessoas trans: travestis, transexuais e transgêneros. De acordo com as definições de Jaqueline Gomes de Jesus (2012 p. 25-27): transgênero é um conceito “guarda-chuva” que integra o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em diferentes graus, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento. Já travesti seria alguém que vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como mulher ou homem, e transexual caracteriza as pessoas que não se identificam com o gênero que lhe foi designado quando de seu nascimento.

processos. Para elucidar estas questões realizei uma pesquisa etnográfica em um ponto de prostituição da cidade de Petrolina-PE entre dezembro de 2014 e setembro de 2015.

Gostaria de esclarecer que o meu trabalho de campo se restringiu a um único ponto de prostituição localizado na cidade de Petrolina-PE. Apesar disso, muitas das trans, que lá trabalham, residem em Juazeiro-BA. Por isso, nesta pesquisa me refiro a transexuais e travestis de Juazeiro-BA e Petrolina-PE.

Por intermédio das narrativas colhidas no campo, é possível identificar um ambiente em que a violência é acionada como um operador fundamental das relações que caracterizam a vida das trans. Isto poderia explicar, em parte, a violência que há entre elas mesmas e também as agressões por parte da cafetina, os “algozes internos”⁴.

Por outro lado, para compreender a inserção dos “algozes externos”, é preciso ter em mente que, na sociedade ocidental, historicamente, se construiu uma série de padrões de comportamento tidos como (in) corretos e (in) desejáveis. Assim, todos aqueles que saem da linha demarcatória da normalidade são frequentemente alvos de punição, rechaço e abjeção. Esta tensão entre normalidade e diferença se efetiva diariamente nas experiências trans.

A existência “precária” dessas “pessoas dissidentes” funciona como um suporte de afirmação da heterossexualidade compulsória. O “outro”, considerado diferente e abjeto, é colocado em paralelo com o padrão tido como desejável, saudável e natural. A diferença aparece como desvio, algo de valência negativa, que precisa ser eliminado ou que serve de exemplo de mau caminho, de erro, de sujeitos bestiais e sem humanidade.

Neste sentido, nota-se que “bichas”, travestis, transexuais e etc. vivem em um mundo onde suas existências são menosprezadas, suas vidas consideradas inferiores, seres, nas palavras de Judith Butler (2015), indignos de luto, sem importância, cujo genocídio sistemático não desperta clamor na sociedade.

Neste trabalho estudo pessoas que “fogem” às linhas demarcatórias de normalidade, sujeitos que subvertem o gênero e a sexualidade. Travestis e transexuais que redesenham as fronteiras das “verdades” sobre o sexo. Os “maus sujeitos”, que são a todo tempo controlados e vigiados, pois são indivíduos fora da ordem sexual hegemônica, na concepção de Preciado (2011). Percebe-se que, para os “algozes

⁴ Uso a denominação “algozes internos” para me referir aos atores de violência que pertencem ao ponto de prostituição, isto é, pessoas que compartilham diariamente das vivências daquele universo, são as próprias trans e a cafetina. Já o termo “algozes externos” é utilizado para se referir àqueles que não habitam aquele espaço, mas que se relacionam com ele de modo bastante peculiar. Estes “algozes externos” foram identificados como: os “transeuntes”, a família, a polícia e os clientes.

externos”, as trans aparecem como portadoras de uma sexualidade marginal e perigosa. Por viverem em zonas inabitáveis, nos territórios dos desvios e das inadequações, suas existências figuram como ininteligíveis para o mundo. (BUTLER, 2015).

O PONTO DE PROSTITUIÇÃO

A partir das 19h00 as ruas do centro de Petrolina-PE começam a ficar desertas. As pessoas desaparecem e dão lugar aos carros. Nos arredores do ponto de prostituição esta situação se torna ainda mais dramática. É difícil ver pessoas passarem a pé. O local é de pouca iluminação. Confesso que eu teria medo em andar por ali sozinho. Há muitos usuários de drogas em volta. Também moradores de rua deitados nas calçadas. As paredes são sujas. O único movimento é das garotas de programa e dos veículos que passam.

O ponto de prostituição a que me refiro ocupa uma área relativamente grande, uma vez que se trata de uma “região” que é dominada pela cafetina Samira. Começa em um lugar específico e termina em outro local. Vizinho a ele existe outro ponto de prostituição que é dominado por outra cafetina⁵. As garotas de programa não podem ultrapassar as fronteiras dos seus respectivos pontos. Sendo assim, quem faz programa no ponto A não pode fazer no ponto B e vice-versa. Os limites de cada ponto são bem demarcados.

O ponto de prostituição da cafetina Samira é um dos mais movimentados da cidade. Apesar de ficar em uma rua muito isolada, o movimento de clientes é intenso. Os clientes que procuram o serviço são de todas as idades e classes sociais. De acordo com as meninas, o ponto é “frequentado” por clientes de todos os tipos, ricos, pobres, jovens, velhos, gordos e também por muitos casais que querem fazer sexo em grupo.⁶

A “disposição” do ponto de prostituição pode ser pensada seguinte forma. A rua principal onde fica a escadinha⁷ e onde Dona Estela⁸ costuma ficar sentada observando

⁵ A cafetina “dona” do outro ponto de prostituição é Carla. Também é uma travesti.

⁶ As meninas deixam muito claro que detestam ser contratadas pra fazer sexo com mulheres cis. Muitas das trans não aceitam o programa, ou só concordam com a condição de não precisarem tocar nas “rachas” e nem ser tocadas por estas.

⁷ Escadinha: é um local onde se concentra muitas garotas. A maior parte do tempo que estivemos no ponto de prostituição, ficamos sentados com as meninas nessa escada que fica em frente a um prédio abandonado e próximo a outras casas também abandonadas.

⁸ Dona Estela é o braço direito da cafetina Samira, costuma ficar sentada em uma cadeira junto com mulheres e travestis. Sempre a conversar. As meninas costumam dizer que Dona Estela tem “uma língua solta”, que adora uma fofoca, e por isso fica em um local estratégico para ver tudo que acontece. Os corpos das meninas estão literalmente sendo vigiados todo o tempo.

o movimento. É lá também onde Samira fica com maior frequência. Muitas das meninas também gostam de fazer programa ali. Esta é uma rua com saída para todas as direções de modo que permite uma grande circulação de veículos e de garotas, que podem se deslocar rapidamente para outras ruas.

Também existe a esquina da rua, que também é um local onde as garotas costumam se concentrar quando os programas estão escassos. O fato de ficarem na esquina ajuda na visualização dos seus corpos. Inclusive, é comum a tática empregada por elas de mostrar os seios para os veículos que passam, de modo a chamar a atenção dos clientes.

Além da esquina, existe a avenida que é longa e se estende até os limites do território da cafetina Samira. No extremo oposto à esquina, nos limites do ponto de Samira é onde se concentram as garotas de programa que costumam *grelhar*⁹. O local é uma praça que está sempre deserta. O único movimento é de profissionais do sexo e seus clientes. Trata-se de um local bem perigoso, segundo algumas das meninas, pois nesta praça teriam ocorrido vários crimes contra as trans.

Assim, fica claro que há diversos lugares em que as garotas ficam, mas todos dizem respeito ao mesmo ponto de prostituição dominado pela cafetina Samira. Quando as meninas percebem que determinado local está escasso de clientes migram para outros mais afastados a fim de serem mais vistas. Se estiverem dispostas, preferem ir para a avenida, mas se estiverem cansadas preferem ficar na escadinha.

Apesar de todos os problemas da vida na noite e os perigos inerentes à prostituição, notei que o ponto de prostituição se tornou um importante ambiente de sociabilidade entre as travestis e transexuais que ali trabalham. É lá que elas encontram “pessoas como elas”, com histórias de vida parecidas. No ponto elas têm suas identidades aceitas. Lá encontram companhia, se divertem, falam de bofes, sobre sexo, beleza, amor, paqueras... Assim, o ponto se torna um local agradável, “*em que podem fugir à solidão e aos pensamentos negativos*”, como declara Viviane.

VIOLÊNCIAS

No curso de ciências sociais, logo nos primeiros anos, aprendi que devemos evitar, a todo custo, uma postura etnocêntrica. Isto é, enxergar e julgar o outro com base

⁹ *Grelhar*: usar cocaína.

em nossas próprias lentes, de acordo com os nossos conceitos. É para evitar uma postura etnocêntrica e para seguir os conselhos de Bruno Latour e Marilyn Strathern que, neste trabalho, para falar sobre violência me limitarei a esboçar aquilo que as travestis e transexuais concebem por violência.

Para a pergunta, há violência no ponto? A resposta é afirmativa. Mas quais tipos de violência? Reformulando a pergunta: quais tipos de violências segundo as concepções das trans? É importante destacar que, durante a minha vivência no campo, em nenhum momento as meninas mencionaram termos como violência psicológica, violência patrimonial, simbólica, urbana etc. Os únicos tipos de violência que elas se referiram, e de modo exaustivo, foram sobretudo as violências físicas, sexuais e verbais. Sei que muitos dirão: *“o fato de elas não se referirem a outros tipos de violência não significa que elas não existam”*.

De fato, não quer dizer que elas não existam, mas é importante destacar que aqui, tomo a violência na perspectiva das travestis e transexuais. Logo, não trarei conceitos estranhos que em nenhum momento foram referidos pelas meninas.

Percebi no trabalho de campo, que as travestis e transexuais compartilham entre si de algumas visões de mundo e conceituações distintas das minhas. Por isso o meu cuidado em não produzir algo que seja completamente irreconhecível para elas. Em conformidade com o pensamento de Strathern destacado acima. Tentei fugir a mistificações que tornassem a pesquisa em algo avesso ao meu (s) campo (s).

Ao seguir os conselhos de Strathern e de Latour, não rejeitei as visões de mundo das trans em detrimento dos meus próprios conceitos, pelo contrário. Abri-me às novas significações que o trabalho de campo me revelou. Estive ciente que as explicações das meninas não eram meros dados a serem explicados, mas uma parte fundamental da explicação (STRATHERN 2014, p. 136). Assim, busquei aproximar-me dos seus enquadramentos, impedindo que o meu discurso, de pesquisador, se sobressaia a eles.

Deste modo, reparei que o modo como as meninas lidam com a violência não é o mesmo com o qual muitos de nós¹⁰ estamos familiarizados. Seguindo os conselhos de Latour não silencieiei meus nativos visando provar conceitos, Por isso aqui trarei alguns casos de agressão física e sexual que foram narrados pelas meninas, de acordo com o que elas entendem por violência sexual e física.

¹⁰ Ver item 1.2.2.

O caso mais brutal de violência que acompanhei no ponto de prostituição foi, sem dúvida, o assassinato da travesti Daniela. Fiquei sabendo da notícia via redes sociais. Logo fui fazer uma visita ao ponto para descobrir o que tinha acontecido e como as meninas estavam. Inicialmente Dona Estela não quis dar detalhes, por medo talvez. Mas depois de alguns minutos conversando ela começou a contar a história, que já relatei anteriormente. Dona Estela disse que no dia posterior ao assassinato teve que passar a tarde toda procurando por familiares de Daniela para que pudessem reconhecer o corpo.

Notei um ambiente muito estranho no ponto desta vez, percebi que meninas estavam com medo. Quando fomos falar com a trans Sol vimos que estava muito triste, pois era amiga de Daniela e moravam juntas. Sol disse que estava desconfiada de todos os clientes, sobretudo daqueles que a chamavam para “grelhar”, disse estar perturbada, vendo coisas. Mostrou-nos a foto de Daniela no celular. Contou que, antes da morte, veio um homem conversar com ela e Daniela para irem embora da cidade ou iriam morrer, pois havia uma travesti que tinha prometido matar as duas. Lembrou que o mesmo homem que saiu com Daniela naquela noite a chamou para “grelhar” e ela se recusou. Confessou que ele pretendia matar as duas de uma só vez.

Neste dia, ao sairmos, Mycaella¹¹ não conteve as lágrimas quando estávamos nos despedindo das meninas. Disse que veio à mente tudo que viveu, todas as agressões que sofreu em sua vida, a perda de amigas para a transfobia. Disse sentir ter que deixar as meninas sozinhas, sem saber se ficariam bem. Amparamo-la e saímos. Todos (as) nós estávamos abalados (as).

Aqui abro um parênteses para lembrar, conforme explicitado no tópico “*A Antropologia de Strathern*” e nas passagens de Laplantine em “*A pesquisa Etnográfica*”, que a pesquisa de campo é sempre uma “troca” entre pesquisador e nativo. É importante destacar que esta “troca” envolve negociações e o compartilhamento de sentimentos, sensações e dores. Na minha pesquisa de campo estabeleci, com as trans, uma relação humana, de amizade e companheirismo. Eu era

¹¹ Mycaella ou Myca era minha colega de curso, é uma mulher trans. Ela não se prostitui. A sua participação foi fundamental na pesquisa, pois o simples fato de estarmos em sua companhia fez com que não fôssemos vistos com suspeita excessiva por parte das trans, ela ajudou a quebrar o gelo inicial. Ao nos apresentar Myca dizia: “*Meninas esses dois são meus colegas de curso. Eles estão fazendo uma pesquisa com travestis e transexuais e gostariam de conversar um pouco com vocês. Podem confiar, eles são gente boa*”. Myca quase sempre dizia isso ao nos apresentar para as garotas que ainda não conhecíamos. Além de Mycaella, outra colega de curso chama Elaine também me acompanhou durante as visitas de campo ao ponto de prostituição.

parte da pesquisa. Ao seguir o rastro de Latour e Strathern, vejo que eu não era um elemento exterior ao campo. Estava ao lado das trans. Eu era um agente em meio a outros agentes. Foi inevitável não me sentir tocado com os relatos de tantos assassinatos brutais.

Nas conversas com as meninas e com Dona Estela fiquei sabendo de outros assassinatos de pessoas trans daquele ponto. Casos que sequer foram noticiados. Falaram da morte da travesti Gisberta que foi enforcada por um cliente atrás de um supermercado. Outro caso de uma travesti que fora empalada¹² na ponte Presidente Dutra¹³ há alguns anos atrás.

Fiz buscas na internet à procura de notícias sobre esses assassinatos, mas não encontrei nada a respeito. Isso me deixa muito perturbado, pois vejo os diversos blogues da região noticiarem fatos dos mais irrelevantes, mas não divulgam a morte e a violência contra as pessoas trans. Talvez isso revele aquilo que disse anteriormente, o quanto, entre nós, algumas vidas valham mais do que outras. Enquanto umas são dignas de luto e clamor público, outras não.

Através das conversas com as meninas descobri que, além das mortes consumadas, foram numerosas as tentativas de assassinato. Em uma das noites em que estávamos no ponto, Sol tinha saído para fazer um programa. Minutos depois ela voltou toda despenteada, ofegante, com as sandálias na mão. Disse que havia saído para fazer um programa com um homem. Ele a levou de carro para um local inóspito, onde havia muito mato e pouca iluminação. Sol disse para ele: “gato, por aqui não tem motel, para onde vamos?”, foi aí que ele disse: “*você vai para o inferno, pois vou te matar*”. Neste momento, Sol disse que pulou para cima do volante e o obrigou a parar o carro. Assim que ele parou pegou uma faca e ela rapidamente abriu a porta e se jogou do carro. Sol conta que começou a correr e ele correu atrás dela. Foi aí que ela entrou no meio da estrada. Ao avistar o movimento de outros carros, o homem voltou pro seu veículo e fugiu. Sol quebrou seu salto, mas conseguiu salvar a sua vida. Pegou uma carona e voltou para o ponto de prostituição.

Outra tentativa de assassinato muito parecida com essa foi narrada por Viviane. Ela contou que entrou num carro de um cliente muito sério. Ele nem perguntou quanto

¹² Empalar: Atravessar uma pessoa com uma lança pelo ânus até que esta saia pela boca.

¹³ Presidente Dutra é uma ponte que liga os municípios de Petrolina, em Pernambuco, e Juazeiro na Bahia. Foi construída na década de 1950. Tem um tráfego diário de cerca de 40 mil veículos e extensão de 801 metros sobre o Rio São Francisco (Fonte: Wikipédia).

era o programa, apenas pediu para ela entrar no veículo. Ela obedeceu. Quando chegaram a um local distante da cidade e de qualquer movimento, Viviane conta que ele mudou completamente o rosto. Fez uma cara feia e começou a dizer frases em tom áspero, uma delas foi: “*esses viados têm que morrer*”. Viviane conta que era um homofóbico. Disse que ele sacou uma faca e tentou furá-la. Eles entraram em luta corporal dentro do carro. Viviane foi esfaqueada na perna e nos mostrou a cicatriz. Apesar de tudo, conseguiu tomar a faca dele e sair correndo. Ele fugiu e ela pegou uma carona de volta para o ponto.

Além dessas situações são muito frequentes assaltos à mão armada no ponto de prostituição. Em uma das nossas visitas, Viviane e Penélope nos relataram um caso envolvendo as duas. Elas disseram que estavam na esquina conversando. Viviane disse que estava “*imitando uma maricon*”¹⁴ dando o cu”. Achando a cena da amiga engraçada, Penélope tirou o celular para gravar um vídeo, mas Viviane tentou impedi-la. Foi quando o celular caiu e quebrou a tela. Penélope ficou triste, pois era um aparelho novo e caro, mas Viviane disse que ia ajudar a pagar. No momento em que as duas conversavam sobre isso, ouviram um assobio. Não sabiam de onde estava vindo. Penélope resolveu acompanhar o som, pois pensava se tratar de um cliente. Quando se aproximou de uma barraca escura, deparou-se com um homem que colocou a arma em sua barriga e disse: “*Passa o celular!*”. A única reação de Penélope foi entregar o aparelho. Em seguida o homem virou para Viviane e disse: “*Você também, passa agora!*”. Após ouvir isso, Viviane disse que começou a correr desesperadamente e a gritar por socorro. O ladrão então deu disparos contra ela e a seguiu. Ela conseguiu se esconder em um prédio escuro. Ficou preocupada com Penélope, mas viu que ela tinha corrido também.

Além das tentativas de assassinato e assaltos, as meninas se referem à ocorrência de muitos estupros. As histórias são muito parecidas. Chega um homem fingindo ser um cliente e chama a garota para o programa. Ao chegarem a um local sem movimento sacam a arma, que pode ser uma faca ou um revólver, e obrigam as meninas a fazerem sexo.

Viviane e Penélope contam que já conseguiram se safar de muitas tentativas de estupro. Mas certa vez, ao saírem juntas para um programa em um caminhão. Chegaram

¹⁴ Maricon: como as meninas se referem a homens que são passivos na cama, isto é, são penetrados pelas trans.

a um local ermo, e um homem puxou um facão e as obrigou a fazer sexo oral. Depois disso roubou tudo que elas tinham, inclusive a roupa, deixando-as só de calcinha. Tiveram que pegar uma carona com a polícia. Mas não prestaram qualquer queixa.

Sobre as violências verbais elas dizem que são os xingamentos, os palavrões, as piadas e zombarias. Falam que isso acontece em toda parte, dentro de casa, no bairro onde moram, dentro do ônibus, no ponto onde trabalham. As trans Raquel e Ruth dizem ser comum passarem na rua e ouvirem gritar palavras como: “Viado!”, “Bicha!” “Travesti do caralho!”, “Cu arrombado!”, “Doente!”, entre outras. O repertório é longo.

Nas noites em que estive no ponto de prostituição, presenciei muitos desses xingamentos. Principalmente das pessoas que passavam de carro, que costumam gritar tais palavras. Certo dia, quando estávamos eu, Sol, Penélope e Viviane no ponto, passou com uma caminhonete branca com quatro rapazes. Eles vaiavam e um deles desceu as calças e mostrou a bunda pela janela. No momento, a situação foi cômica, mas depois Penélope disse: *“tá vendo?!, é isso que precisamos enfrentar todo dia!”*

As meninas nos contaram que assaltos, violência física, sexual e verbal é o que mais acontece no ponto. Destacam que elas, para classificar as situações de violência, usam os seguintes termos: violência física, agressão, violência sexual, estupro. Por isso eu os utilizei neste trabalho.

Elas dizem que muitos homens se aproveitam por serem travestis¹⁵. Mas também chamam a atenção para outros agentes envolvidos nas situações de violência. Em muitas das nossas conversas se referiram a agressões que sofrem das pessoas. Mesmo sem as conhecerem, dizem piadas, gritam palavrões. Eu presenciei muitas destas situações.

Além das pessoas civis, as trans também consideram agressores os policiais que estão envolvidos nas situações de violência ou que muitas vezes se recusam a ajudá-las, a família que as agride ou as explora, as outras travestis que *“são como cobras”*, a cafetina que as pressiona e bate, caso não queiram pagar pedágios, e elas mesmas para reagir a tudo que sofrem. Falarei sobre tudo isso a seguir, no item intitulado: “Agentes de violência”.

¹⁵ Na maior parte das vezes as meninas se referem a si mesmas como travestis, mesmo que se autodenominem trans. Isso faz parte do jogo da identidade que percebi no ponto de prostituição. Não há identidades fixas, elas são negociadas.

AGENTES DE VIOLÊNCIA

A mera existência de uma travesti ou transexual coloca em risco os códigos e padrões de gênero e sexualidade que a sociedade tanto preza em manter estáveis. A pessoa transgênera é um objeto de desordem e transgressão. Ela desestabiliza as classificações e torna caótico o mundo de dualismos. O incômodo que ela causa parece ser umas das razões que faz com que sejam renegadas à escuridão, aos guetos e à morte.

O sociólogo Richard Miskolci (2007), resgatando o sociólogo africano Stanley Cohen, utiliza o conceito de pânico moral ao se referir ao medo de desestabilização que as pessoas trans causam à sociedade. É como se as pessoas, ao se depararem com instabilidade identitária provocada por travestis e transexuais, ficassem perdidas, com receio pela desintegração de seu mundo “preto e branco”. As pessoas, de modo geral, costuma ver sujeitos trans como uma forma de perigo, por isso estes seres desviantes são alvo de terrorismo coletivo (MILKOLCI, 2007, p. 111).

A impossibilidade que muitas pessoas sentem em compartilhar o mesmo ambiente que sujeitos trans parece estar vinculada diretamente com a “desordem” que essas últimas causas onde quer que passem. É como se imprimissem na figura da travesti e da transexual o próprio medo do esfacelamento dos sistemas e certezas que a tanto custo são mantidos.

De acordo com Durval Muniz (2003), seria o homem nordestino, com a sua virilidade, que resgataria a ordem social. Foi para garantir a sobrevivência de uma sociedade patriarcal centrada na figura do “macho” que intelectuais e políticos se apropriaram da figura do nordestino e a construíram, a fim de “*revirilizar uma região que precisava reagir, região estuprada e penetrada por interesses e valores estranhos*” (Idem, p. 150 e 151).

O medo de desestabilização da ordem de gênero, o pânico moral, a preservação da masculinidade e a aversão às travestis e transexuais parecem motivar o rechaço, o ódio e as violências que são dirigidas a elas. No campo, deparei-me com situações que sugerem este pensamento.

Neste momento, detenho-me a demonstrar como os “algozes externos” violentam as trans diariamente. As violações que eles praticam se efetivam não somente no ponto de prostituição, mas em outros ambientes por onde circulam as suas “vítimas”. Analiso situações envolvendo as trans em relação com os “transeuntes” ou “pessoas estranhas”, policiais e família e clietes.

Em minhas conversas com as meninas, muitas relataram serem violentadas quando vão procurar empregos com carteira assinada ou mesmo quando já estão empregadas. A transexual Penélope, por exemplo, disse que desistiu de procurar emprego em empresas, pois quando veem que ela é travesti sempre inventam alguma desculpa para não a aceitarem. Às vezes o currículo é até aceito, mas na hora da entrevista dizem que vão entrar em contato, mas nunca retornam, relatou Penélope.

Algumas trans me contaram que quando trabalharam em empresas os patrões exigiram que elas se vestissem como homens e que fossem chamadas pelo nome de batismo. Isso aconteceu, por exemplo, com Viviane e Penélope. Elas se referem a episódios como esse para destacar o quanto as “pessoas estranhas” ou transeuntes costumam ser violentas.

Estas pessoas são “estranhas” para elas por não fazerem parte da sua rede de amigos ou de relações familiares. São os “estranhos” que passam por elas no ponto de prostituição e jogam pedra, garrafas, frutas, ovos e etc. Estas são agressões frequentes e que pude presenciar durante a pesquisa. Mas gostaria de chamar a atenção para dois episódios que servirão para ilustrar como se dá a violência por parte desses “estranhos”.

O primeiro se refere à noite em que fomos a uma pizzaria que fica muito próximo ao ponto de prostituição. Neste dia, além da visita para a pesquisa também estávamos com pares de sandálias que Mycaella resolveu doar para as meninas. Havíamos encontrado Ruth e Penélope mais cedo. Elas estavam à caminho da pizzaria e nos convidaram para comer pizza. Mas dissemos que iríamos procurar Viviane pra ver se alguma sandália serviria em seu pé. Falamos pra Ruth e Penélope que depois passaríamos na pizzaria.

Fomos à procura de Viviane, pois disseram que ela estava na avenida. Quando estávamos nos aproximando do ponto em que supostamente ela estaria, vimos, ao longe, o carro da polícia parado e junto da viatura estava uma pessoa que parecia ser Viviane. Assim que nos aproximamos, ela entrou na viatura e o carro saiu. Elaine, Myca e eu ficamos muito preocupados, pois achamos que tinham levado Viviane. Não a encontramos na avenida e tampouco na escadinha¹⁶. Partimos para a pizzaria.

Encontramo-nos com Ruth e Penélope na pizzaria. Elas já tinham feito o pedido, pois achavam que nós havíamos desistido. Falamos sobre o carro da polícia e da

¹⁶ Escadinha é um local que costumávamos ficar sentados todos os dias conversando. Trata-se da escada de um prédio abandonado, onde as meninas também aguardavam seus clientes.

possibilidade de terem levado Viviane. A nossa preocupação aumentou, pois falamos para as meninas que a pessoa que saiu com a polícia estava vestindo uma calça e elas disseram que Viviane também estava de calça. Liguei para o celular de Viviane e ela não atendeu. Mas as meninas disseram para relaxar, pois dificilmente a polícia levaria Viviane¹⁷. Resolvemos seguir o conselho. Pedimos outra pizza para Myca e eu, Elaine não quis comer.

Na pizzaria, além de nós, havia outros clientes. Não pude deixar de reparar a cara de reprovação que muitas pessoas faziam quando olhavam pra nossa mesa. Houve um casal de senhores de mais idade que chegou depois de nós. Sentaram do lado de dentro da pizzaria, nós estávamos do lado de fora. Era uma senhora que aparentava ter uns sessenta anos e um senhor que parecia ter a mesma idade.

Eles estavam sentados em uma mesa próxima da nossa, de modo que ficamos no campo de visão deles. Depois de alguns minutos que eles tinham chegado, Elaine me alertou para o desconforto que a senhora parecia estar sentindo pela nossa presença – ou seria a presença das trans? Resolvi prestar maior atenção ao casal. Notei que o senhor parecia estar tranquilo e indiferente à situação. Mas a senhora fazia caras feias, comentava coisas com ele e era perceptível que se referia a nós.

Era como se a nossa estada ali fosse absurda e indesejada. A mulher não conseguia esconder o quanto estava incomodada. O seu semblante parecia dizer: “*Que absurdo, ser obrigada a dividir um espaço com este tipo de gente!*”. Havia outro casal, mas de jovens, que demonstravam o mesmo desconforto. Só que ao invés de ser somente a mulher, eram os dois que pareciam irritados. Como já disse anteriormente, é como se as trans fossem um elemento poluidor com quem as pessoas não admitissem conviver.

Outro elemento serve para reforçar este pensamento. Certa vez perguntei para as meninas se a presença delas ali no ponto de prostituição já tinha incomodado algum vizinho, se eles já tinham reclamado... Viviane disse que não é muito frequente, mas já houve pessoas que tentaram tirá-las de lá, pois para estas pessoas, garotas de programa tornavam o ambiente feio. As meninas contaram que houve gente que procurou até a prefeitura a fim de limpar a área. E era disso mesmo que se tratava, de uma espécie de

¹⁷ Mais tarde encontramos Viviane e ela disse que estava bem. Tinha saído para um programa. Nenhuma das meninas soube dizer quem havia “saído” com os policiais.

limpeza urbana. Pois para muitos, o que consideram “lixo humano” não deve aparecer à vista, deve permanecer na obscuridade.

Além das pessoas “estranhas”, dos transeuntes que costumam passar e as humilhar, outro agente de violência para as trans do ponto de prostituição é a polícia. Neste sentido elas chamam a atenção para as revistas invasivas, em que são tratadas como homens e até agredidas. Penélope diz que policiais homens já tentaram revistá-la e ela não aceitou. Ela conta que certa vez disse para um policial que ele não podia colocar a mão nela, pois quem deveria revistá-la é uma mulher. O policial retorquiu dizendo que ela não era mulher pra ser revista por mulher, mas um homem vestido de mulher. Neste confronto, Penélope conseguiu impedir a revista no seu corpo, mas abriu a bolsa para que eles vissem que ela estava “limpa”.

Além disso, as meninas contam que muitos dos policiais se aproveitam da revista que fazem para colocar as mãos em seus corpos, acariciá-las. Dizem que isso é um tipo de agressão. Foi-me relatado um caso curioso envolvendo um policial. Disseram-me que talvez ele tivesse algum distúrbio mental. Costumava fazer programa com as meninas. Mas era extremamente violento. Andava sempre armado. Batia nas garotas durante os programas e dizia que elas tinham que aguentar caladas, pois se não as mataria.

De acordo com as meninas, este mesmo policial costumava ir ao ponto em uma moto amarela. Lá ele mostrava o pênis e ameaçava as trans de morte. Pegava a sua arma e atirava em direção a todas elas. Elas dizem que ele “*tocava o terror no ponto*”¹⁸.

Outra queixa em relação aos policiais diz respeito à omissão quando são chamados para atender alguma ocorrência. As trans relatam que ao informarem que estão ligando do ponto de prostituição a viatura não é enviada. Elas também reclamam do tratamento pessoal nas abordagens. Diz que eles não querem tratá-las como mulheres, mas como homens, fazendo questão de dizerem em voz alta o nome que consta em seus documentos pessoais.

Dona Estela¹⁹ me disse uma vez que muitos policiais se envolvem em crimes contra travestis. Tanto que, na maioria das vezes, preferem não ligar para a polícia, pois

¹⁸ Tocar o terror: expressão para se referir ao ato de provocar pânico e medo.

¹⁹ Dona Estela é o nome fictício dado à mulher-cis que serve como braço direito da cafetina Samira. Nas palavras de Jaqueline Gomes de Jesus (2012, p.10): “*Chamamos de cisgênero, ou de “cis”, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento. Como já foi comentado anteriormente, nem todas as pessoas são assim, porque, repetindo, há uma diversidade na identificação das pessoas com algum gênero, e com o que se considera próprio desse gênero.* Denominamos as pessoas

sabem que os policiais não vão resolver nada, pelo contrário, podem até complicar. Assim, nota-se uma relação marcada por tensões entre as garotas do ponto e os policiais.

Outro agente de violência para as trans é a família. E esta afirmação é paradoxal, pois, se por um lado a família é para algumas um lugar de acolhimento e carinho, para outras é uma instância de sofrimento. Penélope, Cris, Gisele, e Viviane disseram que a família é um suporte fundamental pra que a travesti não caia no mundo das drogas e da perdição. Salientam que o fato da família apoiar a travesti é fundamental para o futuro desta.

Por outro lado, Thalia, Ruth, Póli e também Penélope e Viviane afirmam que a família pode ser muito violenta. Muitas delas contaram que já foram agredidas pelos pais e irmãos por serem travestis. Algumas foram expulsas de casa e, em consequência disso e de outros fatores como o preconceito na escola, foram proibidas de dar seguimento aos estudos.

Assim, para as meninas, a família parece figurar como um fator determinante para a entrada no mundo da prostituição. Como fala Penélope: “*quando fecham as portas de casa, abrem a janela para a noite*”.

Uma passagem de um texto de Berenice Bento ilustra muito bem esta frase, a socióloga diz:

O processo de exclusão das pessoas trans começa muito cedo. Quando as famílias descobrem que o filho ou a filha está se rebelando contra a "natureza" e que desejam usar roupas e brinquedos que não são apropriados para seu gênero, o caminho encontrado para "consertá-lo" é a violência. Geralmente, entre os 13 e 16 anos as pessoas trans fogem de casa e encontram na prostituição o espaço social para sobrevivência financeira e construção de redes de sociabilidade. (BENTO, 2015 p.2).

Há outro elemento de violência que marca a relação entre algumas trans e suas famílias. É o que chamo de “o mercado de aceitação”. Com este conceito quero me referir ao modo como muitas meninas enxergam os interesses de familiares que se aproveitam de sua condição para lhes tirar dinheiro. Por exemplo, Viviane, Ruth e Penélope relatam que muitas famílias só “aceitam” o filho travesti se este ajudar nas

não-cisgênero, as que não são identificadas com o gênero que lhes foi determinado, como transgênero, ou trans”.

despesas de casa ou mesmo sustentar toda a família. Elas se referem a uma aceitação de fachada e condicionada à ajuda financeira.

É como se fosse um “mercado de aceitação” em que quanto mais a trans der dinheiro para a família, mais aceita ela será. Apesar desta aceitação, muitas vezes, significar apenas que os familiares não deixarão de falar com ela, embora a impeçam de frequentar a casa onde moram para que os “*outros não vejam*”.

Problematizo a agência ambígua dos familiares na vida das trans, pois, para Latour (2012), é preciso rastrear as controvérsias existentes entre os sujeitos a fim de chegar às conexões sociais. Por um lado, para as meninas, a família é um lugar de afeto e apoio, e por outro pode se revelar como um agente de exploração que troca aceitação por dinheiro.

Por fim, ainda no grupo de “algozes externos” encaixam-se os clientes. Arelados a estes estão a maior parte das agressões físicas, violências sexuais, tentativas de assassinato e etc. Através das conversas com as meninas descobri que, além das mortes consumadas, foram numerosas as tentativas de assassinato. Em uma das noites em que estávamos no ponto, Sol tinha saído para fazer um programa. Minutos depois ela voltou toda despenteada, ofegante, com as sandálias na mão. Disse que havia saído para fazer um programa com um homem. Ele a levou de carro para um local inóspito, onde havia muito mato e pouca iluminação. Sol disse para ele: “*gato, por aqui não tem motel, para onde vamos?*”, foi aí que ele disse: “*você vai para o inferno, pois vou te matar*”. Neste momento, Sol disse que pulou para cima do volante e o obrigou a parar o carro. Assim que ele parou pegou uma faca e ela rapidamente abriu a porta e se jogou do carro. Sol conta que começou a correr e ele correu atrás dela. Foi aí que ela entrou no meio da estrada. Ao avistar o movimento de outros carros, o homem voltou pro seu veículo e fugiu. Sol quebrou seu salto, mas conseguiu salvar a sua vida. Pegou uma carona e voltou para o ponto de prostituição, onde nos encontrou e contou esta história..

Outra tentativa de assassinato muito parecida com essa foi narrada por Viviane. Ela contou que entrou num carro de um cliente muito sério. Ele nem perguntou quanto era o programa, apenas pediu para ela entrar no veículo. Ela obedeceu. Quando chegaram a um local distante da cidade e de qualquer movimento de pessoas, Viviane conta que ele mudou completamente o rosto. Fez uma cara feia e começou a dizer frases em tom áspero, uma delas foi: “*esses viados têm que morrer*”. Viviane conta que era um “*homofóbico*”. Disse que ele sacou uma faca e tentou furá-la. Eles entraram em luta

corporal dentro do carro. Viviane foi esfaqueada na perna e nos mostrou a cicatriz. Apesar de tudo, conseguiu tomar a faca dele e sair correndo. Ele fugiu e ela pegou uma carona de volta para o ponto. Diversas cenas como esta foram reproduzidas pelas meninas durante os dias da pesquisa.

Tendo mostrado como se dá os processos de violência engendrados na relação entre trans e seus “algozes externos”, agora trago a violência identificada na relação com seus “algozes internos”, isto é, aqueles processos de violência que se dão entre os indivíduos que habitam o universo comum do ponto de prostituição. Ora, estes “algozes internos” são as próprias trans, colegas de pista, com destaque para a cafetina Samira.

Um importante agente de violência ou “algoz interno” na concepção das meninas é a cafetina Samira. Está última parece ser vista como um elemento opressivo. Percebi que quando ela estava no ponto, as meninas ficavam mais focadas em fazer programas, como se não pudessem fazer “*corpo mole*”. Diversas vezes notei Samira cobrar o pedágio²⁰ para as garotas. Em uma noite conversando com Penélope e Raquel elas se declararam indignadas com este pagamento. Falaram que ela não tinha direito nenhum de cobrar delas, pois a rua é pública, e Samira não tinha comprado a rua, reforçou Penélope.

Raquel e Penélope contam que muitas meninas que não pagaram apanharam de Samira. Além de ter havido situações em que esta última teria mandado homens baterem na trans inadimplente. Penélope diz que só paga para evitar atrito, mas diz que pode chegar um dia em que decida não pagar e “ai de Samira *se encostar a mão nela*”. Penélope diz: “*ela não é nem doida, ela conhece meus irmãos, sabem do amor que têm por mim, se ela tocar num fio de cabelo meu vai se arrepender por toda a vida*”.

Chamo a atenção para um fenômeno bastante peculiar que observei nas visitas ao ponto de prostituição. Diz respeito aos efeitos produzidos pela cafetina Samira no comportamento das outras trans. Quando Samira estava ausente, as meninas pareciam se divertir mais, eram mais espontâneas, conversavam sem receios. Mas se Samira estivesse presente, todas focavam em fazer programas, nos clientes e eu e minhas

²⁰ Pedágio se refere ao valor pago semanalmente pelas garotas de programa, trans ou mulheres cis (cisgênero), para que possam permanecer no ponto de prostituição. Trata-se de uma taxa de R\$ 70,00 que é paga à Samira, que se autodenomina dona do ponto, usando como justificativa o fato de ser a pessoa mais velha a fazer programa lá. Há muitas controvérsias entre as meninas sobre o pagamento do pedágio. Muitas consideram esta cobrança absurda, embora paguem para *evitar confusão*. Mas não é raro elas apresentarem “desculpas” a fim de evitar tal pagamento.

colegas de pesquisa costumávamos ser esquecidos. Porém, se Samira estivesse presente, mas bêbada²¹ as meninas ficavam muito tranquilas, esqueciam a tensão e se divertiam.

Em uma noite, talvez em decorrência da bebida²² ou da familiarização que começava a nascer entre Samira e eu, percebi que ela estava muito expansiva e mais comunicativa que o normal. Falou diretamente comigo, olhou nos meus olhos, apoiou-se em mim para testar se uma sandália dava em seu pé²³. Naquela noite ela disse muita coisa que parece que estava presa em sua garganta. Samira falou sobre o preconceito que as travestis sofrem. Mostrou-se indignada ao falar no modo como as pessoas a olhavam no bar onde tinha estado mais cedo. Não me esqueço das suas palavras: *“Tão pensando o que? Eu tinha o direito de estar lá como qualquer um deles? Dancei mesmo, rebolei até o chão, sambei na cara deles”*. Samira disse que não suporta o modo como as travestis são tratadas. Fala que não ouve xingamento calada. *“Se falou também vai ouvir”*, ressalta. Eu fiquei tão surpreso com a sua explosão que só consegui confirmar tudo o que ela dizia balançando a cabeça e dizendo: *“É verdade!”*

Identifiquei como “algozes internos”, além da cafetina, as próprias travestis, colegas de pista. Penso que, as travestis e transexuais do ponto de prostituição são, elas mesmas, agentes de violência. Isso se expressa, por exemplo na obsessão pela aparência que as faz se submeter a muitos riscos de saúde, seja colocando silicone industrial ou tomando hormônios de modo indiscriminado. O uso frequente de grelha (cocaína) por muitas também é um fator de violência contra o próprio corpo. Elas são algozes de si mesmas e de suas colegas.

Percebi que elas se autoflagelam, sobretudo por causa do trabalho na prostituição. Viviane, Penélope, Raquel e Ruth, por exemplo, se referem ao dinheiro que recebem com os programas como algo sujo, que não rende. Dizem que não é um dinheiro honesto. Menosprezam a si mesmas e o trabalham que exercem.

Elas também praticam muitas violências físicas umas com as outras, seja por inveja, ciúmes de namorados, disputas por clientes. Isso parece contribuir para tornar o ambiente da prostituição como um lugar de constante tensão. Dona Estela diz que é devido à falsidade e desunião que muitas travestis não ficam no ponto por muito tempo.

As trans colegas de pista também são consideradas agentes de violência. É muito frequente ouvir as meninas falarem que no ponto de prostituição *“só tem cobra”*, que

²¹ Samira bebe com frequência.

²² Dava para sentir de longe o cheiro de álcool.

²³ Foi no mesmo dia da pizzaria em que levamos as sandálias de Myca para doar.

“*ali ninguém é amiga de ninguém*”. Soube de casos em que travestis mandaram “*rasgar*” o rosto de outra com navalha, caso estivesse muito bela e feminina. Viviane conta que a inveja impera entre elas. Diz que não há união entre elas, que uma está sempre em disputa com as outras, que praticam roubos entre si, desde coisas materiais até clientes e namorados.

Esta concepção das meninas ficou mais clara pra mim quando reparei no modo como culpabilizam umas às outras pelos infortúnios que sofrem. Por exemplo, certa vez estava a conversar com Viviane sobre os constantes perigos que Sol se envolve, sobretudo as tentativas de assassinato²⁴. Qual não foi a minha surpresa quando Viviane disse que a culpa era dela, pois era ela quem se metia com as pessoas erradas e por isso pagava as consequências. Viviane diz: “*Sol é quem procura a violência, não sabe se comunicar, é explosiva, anda com quem não presta*”.

Penso que muitas vezes elas são os seus próprios algozes. Porém não quero dizer que são culpadas disso, pelo contrário, penso que o individualismo, o uso de drogas, a banalização da violência²⁵, violências que praticam entre si e contra os outros²⁶ são um reflexo de tudo que sofrem. São as formas que encontraram para reagir a todas as violências que lhes são infringidas diariamente.

Seguindo a trilha de Latour (2012), no campo de estudo, vi a agência como disseminada em uma teia de relações que, neste caso, envolve travestis, transexuais, policiais, cafetina, familiares, clientes, dinheiro, o silicone, drogas, hormônios... Todos eles em constante mudança. Por isso é difícil pensar em estabilidade neste cenário. Os posicionamentos e agenciamentos dos atores não seguem uma lógica preestabelecida. Uma travesti não é só vítima, assim como um cliente nem sempre é o agressor. As agências se modificam no contexto em que as relações são estabelecidas. As performances dos atores não são cristalizadas. Mas negociadas, dissipadas, flexíveis, mergulhadas em uma rede de contradições. Algozes internos e externos estão em posições que se entrecruzam, vítima e agressor se misturam e se confundem.

²⁴ Além da que relatei houve outras.

²⁵ Banalização da violência: conceito que me apropriei para referir ao fato de que as travestis e transexuais estavam tão acostumadas com as agressões de todos os tipos praticadas contra elas que passaram a ver aquilo como normal. Passaram a enxergar a violência como um elemento comum do contexto na noite. Inclusive se apropriaram das práticas de violência como uma espécie de código legítimo, nos termos de Benedetti (2005, p. 47), que as permite lidar com os acontecimentos/infortúnios do dia a dia.

²⁶ Leia-se sociedade e clientes.

Considerações Finais

Na contramão das dicotomias bem e mal, a partir das conversas com sujeitos do campo, percebo um contexto repleto de múltiplas agências, jogos de interesses e de poder. Isto é, a vida como algo jogado, envolvendo projetos distintos em constantes disputas. As travestis e transexuais com quem conversei não se parecem com donzelas em apuros e tampouco com vilãs responsáveis pelo próprio sofrimento. São antes subjetividades envolvidas numa multiplicidade de relações sociais. Suas dinâmicas de relações e interações são mais complexas, envolvem, para usar um termo de Gilberto Velho (1994, p.18-19), campos de possibilidades multifacetados, agem como indivíduos imersos em mundos diferenciados, tendo que se adaptar a todo tempo às novas e inesperadas situações que a vida na rua impõe.

Percebi vidas extremamente complexas, enredadas em relações de desigualdade, poder e competição. Corpos que sofrem violência e praticam violência. Pessoas insociáveis e de capacidade extrema de sociabilidade. Vivências dramaticamente femininas, da ponta do salto agulha ao fio de cabelo dado chapinha. Duras como as pedras que carregam nos dedos e gelatinosas como silicone industrial que injetam nos seios. Não se trata de um “grupo” facilmente identificável, mas sim, performativo, pois se refaz o tempo inteiro. A própria rotatividade de meninas no ponto contribui para o fenômeno da mudança. No ponto, impera o movimento. Lá existem experiências múltiplas atuando como mediadores a todo o momento, fazendo da existência um devir inconstante.

Por fim, deixo uma reflexão que sintetiza um pouco da essência deste trabalho. Penso que neste campo de pesquisa existe uma rede de violências que congrega múltiplos atores: “transeuntes”, clientes, cafetina, travestis, transexuais, polícia e familiares. Existem agências difusas que se entrelaçam.

Assim, a violência na vida de pessoas transgêneras não é preta e branca. Não há essa dicotomia. Elas não conjugam ou classificam a violência do mesmo modo que estamos acostumados. Vejo matizes, diferentes tonalidades, nuances e gradações que se misturam. Vítimas que agridem e são agredidas, mas não nessa ordem. Agressores explícitos e outros sutis. Corpos que sentem e reagem. Há um quadro complexo e multicolorido. Mas há uma cor característica que predomina e que mais me chamou a atenção. É o vermelho sangue!

Referências

ALBUQUERQUE JR, Albuquerque Júnior. **Nordestino: uma invenção do falo: uma história de gênero masculino (Nordeste-1920/1940)**. Edições Catavento, 2003.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Editora Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. Brasil: país do transfeminicídio. Disponível em: <http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Transfeminicidio_Berenice_Bento.pdf>, acesso em 27/11/2015. Publicado em: 04/06/2014.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: Quando a vida é passível de luto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. In: **A interpretação das culturas**. LTC, 2013.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Identidade de gênero e políticas de afirmação identitária**. 2012.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: Edufba, 2012.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social–. **cadernos pagu**, v. 28, p. 101-128, 2007.

KULICK, Dom. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008. 280p.

PRECIADO, Beatriz. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011.

STRATHERN, Marilyn. O efeito etnográfico. **O efeito etnográfico e outros ensaios**, p. 345-405, 2014.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. Zahar, 1994.